NOTA DE PESQUISA

A discriminação contra mulheres negras em espaços de Campinas/SP: espaços que transmitem a imagem racializada de um gênero e classe

Ana Beatriz Santos

a212632@dac.unicamp.br

Resumo

O presente texto visa analisar as relações existentes entre as mulheres negras e espaços de Campinas/SP, considerando, principalmente, dados estatísticos sobre o espaço onde se localizam-se essas mulheres na cidade e também a renda salarial mensal dos espaços de vivências das mesmas. Por fim, será buscado estabelecer uma ligação entre o espaço que é considerado diferente a elas, como isso se dá na manutenção do pensamento racista, além de buscar como essa limitação irá impactar na reprodução cada vez mais acentuada da pobreza entre as mulheres negras, uma vez que, a partir de formações socioeconômica diferentes há a formação de espaços distintos (Santos, 1977) que, por sua vez, oferecem diferentes oportunidades e vivências.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: mulheres negras, discriminação racial, espaços de Campinas, distribuição racial, formações socioeconômicas

Objetivos

Buscar estabelecer relações entre os espaços de exclusão das mulheres negras e sua relação de vivências com estes locais, além de relacionar com os casos de discriminações das mesmas, buscando desmascarar as formas físicas que conflite com a imagem da mulher negra. Além disso, é de interesse buscar também o conhecimento sobre o espaço urbano e as áreas de maior incidência cultural, educacional e de lazer na tentativa de fazer uma ligação com os espaços da mulher negra, e por fim, entender como essas questões colaboram para a estruturação do pensamento racista, além de sustentar a feminização da pobreza.

Materiais e Método

Partindo do conceito de lugar, usado como pressuposto de método, é pretendido estruturar a metodologia dessa pesquisa por meio de uma interpretação e associação dos conceitos-chaves relacionados ao tema (Lugar, formações socioeconômicas, formas espaciais, raça, gênero e classe). Como a pesquisa trata da questão da utilização do espaço, se faz necessário, em primeiro lugar, compreender qual espaço será estudado. Neste caso, é a da Região Metropolitana de Campinas, diferenciando os espaços considerados da classe de baixa e alta.

A pesquisa também será sustentada na análise de referências bibliográficas relacionados ao pensamento de espaços distintos a partir das classes sociais em sua formação histórica e também será utilizada como base a leitura e análise das obras: “Sesmarias, engenhos e fazendas” coordenado por Suzana Barretto, “Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras”, organizado por Joseli Maria Silva e Augusto César; e também no artigo de Milton Santos “espaço e sociedade”, de 1979.

Introdução e Conclusão

Partindo da afirmação de que todos os espaços são distintos entre si, em vista das formações socioeconômica diferentes das sociedades indo de uma escala mundial até a local (Santos, 1977), pode-se compreender que em Campinas esse processo de formação espacial não é diferente. Pelo contrário, o processo histórico da cidade em razão das classe sociais e de sua economia singular permitiram a cristalização de espaços distintos.

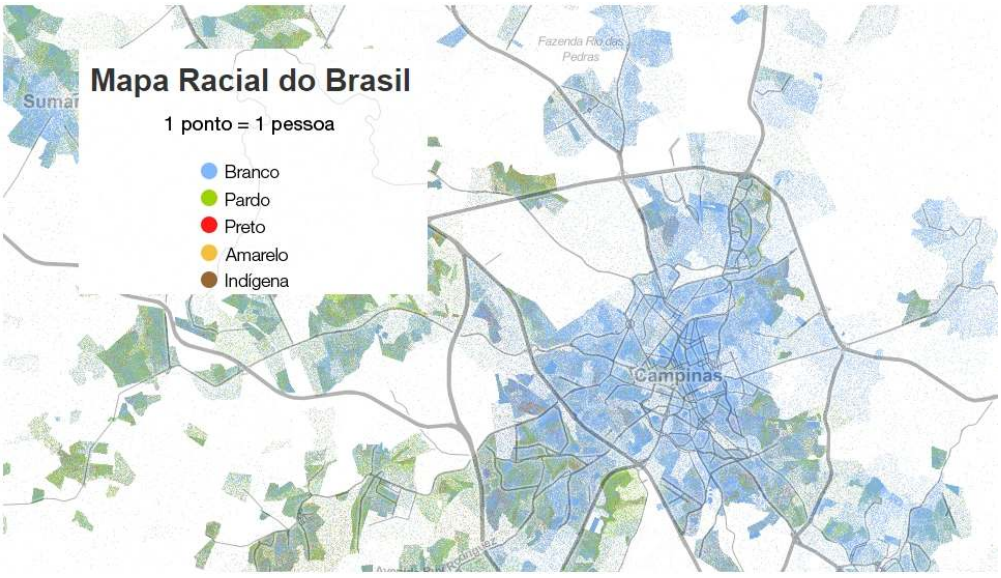
O processo de construção dos primeiros espaços geográficos de Campinas está diretamente relacionado ao sistema econômico da cafeicultura, que era essencialmente uma relação entre barões de cafés e escravos. A partir da abolição da escravatura e da inexistência de políticas de reparação, essas pessoas iniciaram

um novo período, de busca por um espaço (RIBEIRO, 2016), o que explica em Campinas, de maneira essencial, os espaços desiguais ligados a uma classe social, que também está associada a uma imagem racial, esse processo sendo muito igual ao conceito homologia classe-espaço, de Edward Soja (1993).

Esse conceito de Soja (1993) diz respeito a uma homologia do espaço e de classes sociais, isto é, a partir de uma economia específica, há a determinação das classes sociais e que estas, por sua vez, determina o desenvolvimento geográfico dos espaços. Para ele, esse conceito pode ser verificado na divisão regionalizada do espaço, organizados por um centro dominante e uma periferia subordinada (SOJA, 1993).

No mapa abaixo (Mapa 1) pode-se observar a distribuição racial dos moradores no espaço que compreende a região de campinas. É notável, ao analisar, que existe uma diferenciação espacial em relação a raça, no qual,encontramos predominantemente na região central de campinas pessoas que se auto nomearam brancas enquanto em suas periferias o número de pessoas que se auto nomeiam enquanto pardas, amarelas e negras aumentam gradativamente.

Mapa 1. Distribuição Racial da Região de Campinas.

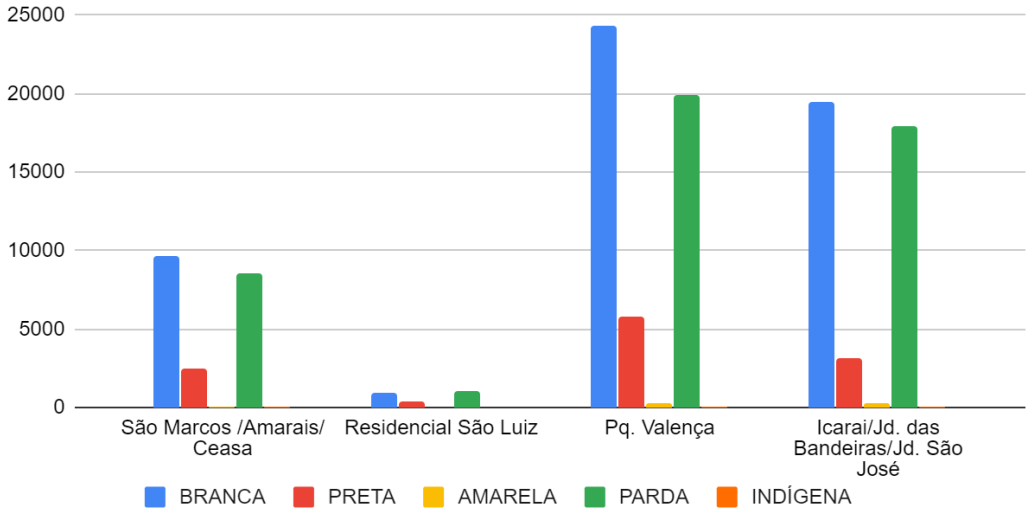


Fonte: PATADATA.[1]

Ao selecionar dados referentes a população residente de Campinas/SP, segundo raça ou cor por unidades territoriais que compreende as regiões periféricas em relação região central da cidade, nota-se que a população autodeclaradas não-brancos somam-se em maioria, atingindo assim uma certa homogeneidade de raças em número.

1 Disponível em: http://patadata.org/maparacial/, acesso em março de 2020.

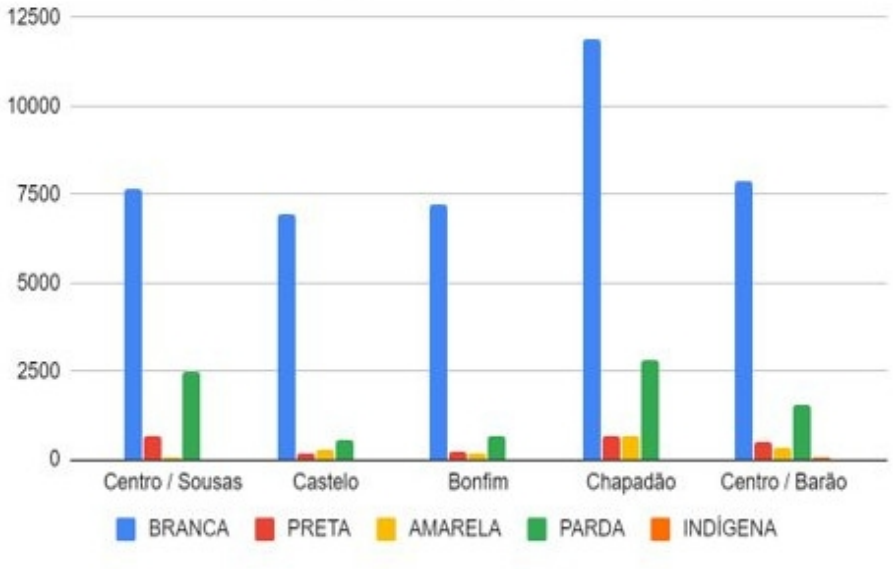
Gráfico 1. População residente segundo raça ou cor divisão por unidades territoriais básicas (UTBs).



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponibilizados pelo censo do IBGE de 2010 - geoprocessamento e tabulação: CSPS - Deplan / Seplan.

Enquanto, ao analisar os dados estatísticos dos bairros centrais da cidade ocorre o processo o inverso do primeiro caso. Assim, como demonstrado no mapa realizado pela organização PATADATA, a concentração de pessoas que se autodeclaram brancas é superior aos não-brancos nesses bairros.

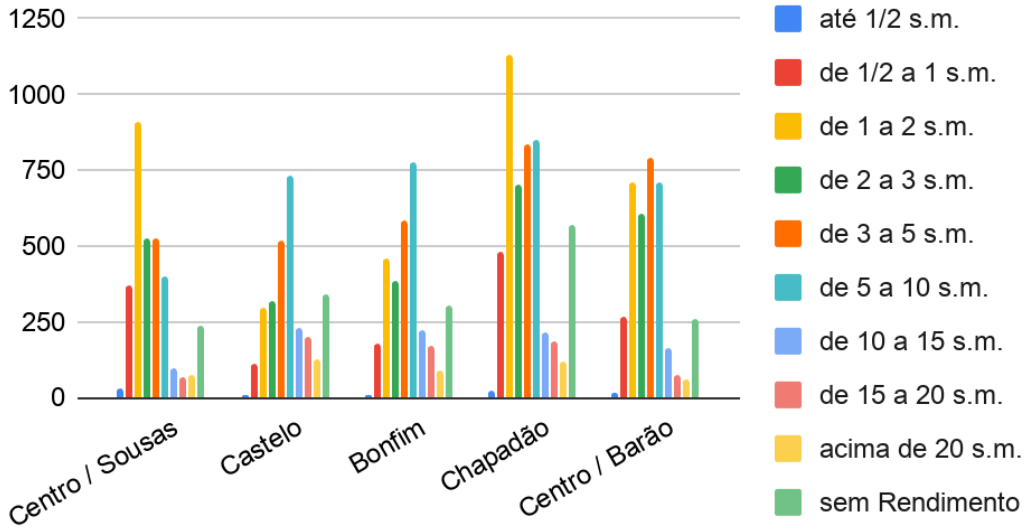
Gráfico 2. População residente segundo raça ou cor divisão por unidades territoriais básicas (UTBs).



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponibilizados pelo censo do IBGE de 2010 - geoprocessamento e tabulação: CSPS - Deplan / Seplan.

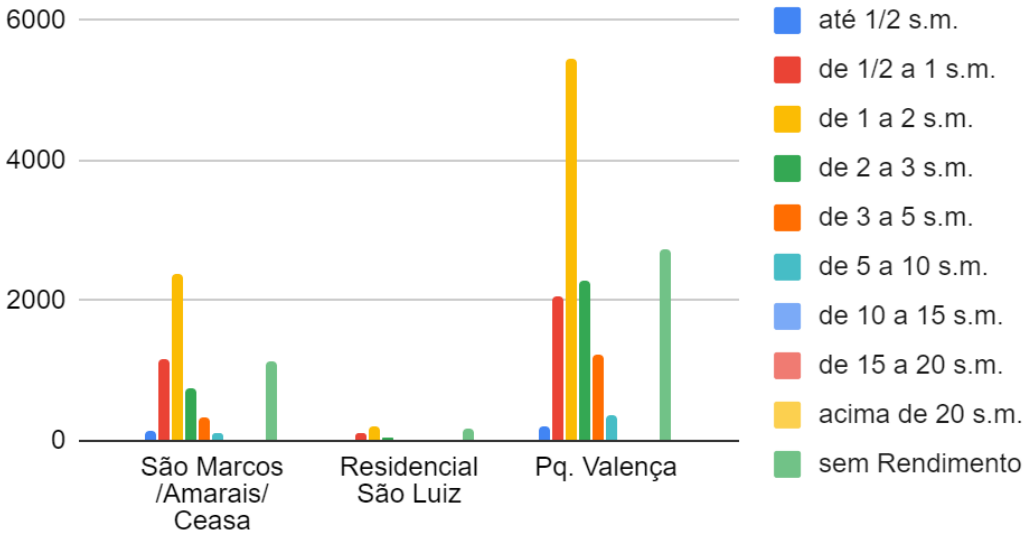
Ainda analisando esses dois grupos (bairros centrais e bairros periféricos), agora, pelo fator econômico, nota-se no gráfico abaixo (Gráfico 3) que em bairros como Chapadão e Centro/Sousas grande parte dos responsáveis por domicílio recebem de 1 a 2 salários mínimos, enquanto nos bairros Castelo e Bonfim o salário mínimo médio de grande parte dos domicílios chega de 5 a 10 salários mínimos e por fim, no bairro Centro/Barão o salário médio da maioria dos responsáveis por domicílio fica em torno de 3 a 5 salários mínimos. No grupo periférico, por sua vez, os responsáveis por domicílio recebem em médio de salários de 1 a 2 salários mínimos em todos os bairros apresentados.

Gráfico 3. Faixa de rendimento médio nominal Mensal (Em salários Mínimos – s.m.).



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponibilizados pelo censo do IBGE de 2010 - geoprocessamento e tabulação: CSPS - Deplan / Seplan.

Gráfico 4. Faixa de rendimento médio nominal Mensal (Em salários Mínimos – s.m.).



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponibilizados pelo censo do IBGE de 2010 - geoprocessamento e tabulação: CSPS - Deplan / Seplan.

Dentro disso, em razão desses processos de assimilação de grupos raciais e econômicos a espaços, é importante especificar o caso da mulher negra, uma vez que há diversos indicadores que nos últimos anos do século XXI está a ocorrer um processo de feminização da pobreza no Brasil (SZUL; SILVA, 2017, p.05). Para além, é possível dizer que a pobreza, além de mulher, é negra, uma vez que, segundo dados do Fundo de desenvolvimento das nações unidas para mulher (UNIFEM) e o instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA), a situação em que as mulheres negras, vítimas do racismo e do sexismo, estão submetidas, são os piores indicadores em praticamente todas as áreas analisadas, como por exemplo, de escolaridade, mercado de trabalho e saúde .

Por tanto, pode-se afirmar que cada grupo social, em razão do seu poder econômico, possui vivências espaciais particulares de deslocamento e de vivência do espaço. Considerando as mulheres negras grande parte nos grupos de baixa renda, pode-se compreender que as mesmas sofrem muitos obstáculos como desinformação, transporte e principalmente a questão financeira, que limita a acessibilidade desse grupo a determinados espaços, o que acaba reforçando o ideal de espaços associados a uma classe e que, por sua vez, a uma imagem racial (ORNAT; SILVA, 2007, p. 317):

> Determinados corpos são marcados identitariamente como sendo diferentes ou marginais, e estando associados a espaços particulares, enquanto outros são considerados normais e muitas vezes colocando-se como neutros no discurso dominante.

A partir dessa relação, cabe indagar acerca de quais "formas" espaciais revelam as mulheres negras, em razão do não pertencimento a determinados espaços. A partir de casos de discriminações raciais, que também está ligado a um processo histórico, construiu-se no ideal das pessoas de lugares que tem por característica a presença de uma determinada classe social que está ligada, por sua vez, a uma imagem racial. Isso, de maneira geral, coloca as mulheres negras como não pertencentes desses espaços, uma vez que identificam nelas uma imagem não assemelhada a essas formas. De modo que isso expõe as práticas idealizadas relacionadas às mulheres negras e seus espaços de pertencimento e, por outro lado, os espaços de exclusão (SANTOS, 1997).

Referências

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322 , jul./dez., 2008.

ORNAT, Marcio; SILVA, Joseli M. Deslocamento cotidiano e gênero: Acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa - Paraná. *Revista de História Regional*. 2007.

PINHEIRO, Luana; SOARES, Vera. *Retrato das desigualdades: Gênero e Raça.* Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2006.

RIBEIRO, Suzana Barretto (Coord.). *Sesmarias, engenhos e fazendas: Arraial dos Souzas, Joaquim Egydio, Jaguary (1792-1930) (Vol. 3)*. Campinas: Direção Cultura, 2016.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 54, 1977.

SOJA, Edward W. *Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993

SZUL, Karoline Dutra; SILVA, Lenir Mainardes da. Feminização da Pobreza. Florianópolis, *Anais do II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais,* 2007.

Sobre a autora

Ana Beatriz Santos: Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

* * *

ABSTRACT

Discrimination against black women in spaces of Campinas/SP: spaces that transmit the racialized image of a gender and class

The present extended summary aims to analyze the relationships between black women and spaces in Campinas/SP, considering, mainly, statistical data about the space where these women are located in the city and also the monthly salary income of the spaces of their lives. Finally, it will be sought to establish a connection between the space that is considered different to them, how this occurs in the maintenance of racist thinking, in addition to looking at how this limitation will impact on the increasingly accentuated reproduction of poverty among black women, a Since, from different socioeconomic backgrounds, different spaces are formed (Santos, 1977), which in turn offer different opportunities and experiences.

KEYWORDS: black women, racial discrimination, Campinas spaces, racial distribution, socioeconomic formations.

RESUMEN

Discriminación contra las mujeres negras en espacios de Campinas/SP: espacios que transmiten la imagen racializada de un género y clase

El presente resumen extendido tiene como objetivo analizar las relaciones entre las mujeres negras y los espacios en Campinas/SP, considerando, principalmente, datos estadísticos sobre el espacio donde estas mujeres se encuentran en la ciudad y también el ingreso salarial mensual de los espacios de sus vidas. Finalmente, se buscará establecer una conexión entre el espacio que se considera diferente para ellas, cómo ocurre esto en el mantenimiento del pensamiento racista, además de ver cómo esta limitación afectará la reproducción cada vez más acentuada de la pobreza entre las mujeres negras, un Dado que, desde diferentes entornos socioeconómicos, se forman diferentes espacios (Santos, 1977), que a su vez ofrecen diferentes oportunidades y experiencias.

PALABRAS CLAVE: mujeres negras, discriminación racial, espacios de Campinas, distribución racial, formaciones socioeconómicas.

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg